

Quando o corpo é o templo: rituais, simbolismos e performatividade de gênero na wicca

When the body is the temple: rituals, symbolism, and gender performativity in wicca

*Stanley de Araújo Barbosa**

Resumo

A religião wicca, frequentemente associada à valorização do sagrado feminino, à natureza e à espiritualidade alternativa, apresenta uma abordagem singular em relação aos papéis de gênero quando comparada às religiões tradicionais ocidentais. Isso levanta o seguinte problema de pesquisa: em que medida as práticas e crenças da wicca contemporânea reforçam ou subvertem os papéis de gênero tradicionais, especialmente no que se refere à dicotomia masculino-feminino, à inclusão de identidades não-binárias e à construção de autoridade espiritual? Este artigo tem por finalidade estabelecer os papéis e relações de gênero dentro da prática da wicca tradicional britânica (BTW). Como resultado, observamos que a wicca tradicional britânica tende a permanecer e a manter elementos binários tradicionais refletidos nos papéis representativos da deusa e do deus durante seus cultos, mas apresenta vozes crescentes de indivíduos que não se identificam com a heteronormatividade e, portanto, são dissidentes quanto aos seus papéis de gênero. Há tensões internas nas comunidades wiccanas entre praticantes que valorizam essa pluralidade de gênero e aqueles que defendem uma não-binariedade ou gênero fluído nos espaços digitais que cada vez mais catalisam e ressignificam os símbolos wiccanianos, partindo uma abertura maior para o público LGBTQIA+

Palavras-chave: Neopaganismo; Wicca; Gênero; Performatividade.

Abstract

The wiccan religion, often associated with the appreciation of the sacred feminine, nature, and alternative spirituality, presents a unique approach to gender roles when compared to traditional Western religions. This raises the following research question: to what extent do contemporary wiccan practices and beliefs reinforce or subvert traditional gender roles, especially with regard to the male-female dichotomy, the inclusion of non-binary identities, and the construction of spiritual authority? This article aims to establish gender roles and relationships within the practice of British Traditional Wicca (BTW). As a result,

* Mestrado em andamento em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC,SP. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: stanleyrudielly@gmail.com

we observe that British Traditional Wicca tends to remain and maintain traditional binary elements reflected in the representative roles of the goddess and the god during its worship, but presents growing voices of individuals who do not identify with heteronormativity and are therefore dissidents regarding their gender roles. There are internal tensions within wiccan communities between practitioners who value this gender plurality and those who advocate for non-binary or gender-fluid identities in digital spaces that increasingly catalyze and redefine wiccan symbols, opening them up to the LGBTQIA+ community.

Keywords: Neopaganism; Wicca; Gender; Performativity.

Introdução

Sou Aquela nascida do mar antes de a terra existir
Ó, Amor Primogênito, invoco-te a vir
E, juntos, geraremos mundos eu e ti.
Tu, cujas dádivas são a videira, o vinho e o êxtase,
Deus dos espaços verdes, que pastoreia na planície
Aquele que traz o terror que amedronta e faz fugir,
Ouve a tua sacerdotisa que chama por ti!
[...] venha a mim, Grande Pã, venha a mim!
(Aleister Crowley, 1998)

A wicca, como os *insiders* e pesquisadores afirmam em sua maioria é a bruxaria moderna, uma religião neopagã centrada nos ciclos sazonais da natureza, iniciática, sacerdotal e com grande ênfase na figura de uma Deusa-mãe, personificada na Lua e um Deus-pais, senhor de tudo o que é selvagem e livre. Trata-se de uma espiritualidade, portanto, centrada na ideia de uma referência de práticas de cultos pré-cristãos, sobretudo, da Europa e Ásia, e que foi compilada na primeira metade do século XX por um inglês chamado de Gerald B. Gardner¹.

A religião wicca, como expressão contemporânea de espiritualidade alternativa (Guerrieiro,2006), propõe uma reconexão com o sagrado feminino, a natureza e a magia como caminhos de autoconhecimento e transformação

¹ É importante evidenciar que o uso do termo wicca, aplicado à religião da deusa, como queria Gerald Gardner, 'A velha religião' ou 'Arte', remete a este, que em 1952, publica *Witchcraft Today*, quando a última lei sobre bruxaria é revogada na Inglaterra (Santos, 2016, p.35).

peçoal. No entanto, essa espiritualidade também levanta questões cruciais sobre a forma como o gênero é concebido, representado e performado em suas práticas e crenças. Este ensaio tem como objetivo construir um referencial teórico que permita analisar criticamente as relações entre wicca e gênero, com base nas contribuições de Judith Butler (1990,1997), Starhawk (1993) e Sabina Magliocco (2010).

Em comunidades wiccanianas, sobretudo àquelas de tradição que remetem à wicca tradicional britânica ou BTW, a construção de identidade de gênero ocorre não apenas por meio de discursos que encorajam essa binariedade, mas também por imagens, símbolos, nomes mágicos e autoidentificações. Tudo isso pode ser interpretativo via Butler (1990) como performativo. Dessa maneira, pensar o caráter performativo, oferecido neste estudo, como chave de leitura, nos permite pensar a categoria de gênero além do binarismo, como um processo dinâmico, o que se torna essencial para compreensão como ele é mobilizado em práticas espirituais neopagãs.

A escritora norte-americana, e bruxa, Starhawk (1993), que não faz parte da tradição da wicca tradicional britânica, na obra *a Dança Cósmica das Feiticeiras*, estabelece a espiritualidade da deusa como um instrumento de libertação pessoal, ecológica e de gênero. A atitude da autora, nesse sentido, é ainda radical. Starhawk estabelece uma espécie de cisma com as práticas da wicca tradicional, propondo uma valorização do sagrado feminino, questionando o monopólio masculino da BTW². Sua proposta entra em colisão com a normatividade ritualística e simbólica oferecendo novos modelos de poder e autoridade espiritual, baseados em cooperação, ciclo e fertilidade, elementos que são atribuídos tradicionalmente ao feminino, mas ressignificados politicamente.

De acordo com Starhawk (1993), existem possibilidades de múltiplas expressões de identidade espiritual e sexual, sendo uma ponte para práticas wiccanianas contemporâneas. A leitura êmica de Starhawk nos fornece o pano de

² O exemplo claro desse monopólio será discutido no terceiro subtópico deste trabalho.

fundo ético de uma prática de wicca puramente feminista, útil para entender esses processos de gênero. E o que tem em comum e diferente nessas duas ontologias? Onde se encaixam as pessoas de gênero binário fluído? Qual a representatividade delas nos rituais wiccanianos? Estes são os problemas que nos motivaram a esta pesquisa. Realizando um trabalho de netnografia, nossa intenção é perceber não a simples adesão dos mais variados gêneros pelos praticantes de wicca, mas perceber qual o papel deles dentro dos rituais estabelecidos pelo *Livro das Sombras*. Se é que exista um prelo para tal prática.

“O Binário Sagrado”?

Há tantas bruxas homens quanto mulheres, mas em inglês (e em português – n. da tradução) uma bruxa é sempre chamada “ela”, de forma que irei escrever esse gênero – e o leitor deve entender como sendo tanto masculino quanto feminino (Gardner, 2003, p.10)

Gardner, em seu best-seller *A Bruxaria Hoje* (2003), identifica os praticantes de bruxaria como sendo bruxas, independentemente do sexo ou do gênero. Contudo, é importante notar que a escrita original em inglês “*wicth*” cria essa ambivalência de forma a identificar como bruxa os praticantes de bruxaria como um todo, e não uma questão de igualdade de gênero. O pai da tradição gardneriana encorajava que os *covens* deveriam ser integrados por praticantes binários, ou seja, com gêneros bem definidos em masculino e feminino, com a justificativa de serem praticados rituais de fertilidade, estabelecendo nesse percurso uma heteronormatividade. Onde o ideal, para a prática de sua tradição, seria o encontro entre sacerdote e sacerdotisa, performando através dos rituais litúrgicos, o papel de deus e de deusa.

A própria ideia de polaridade é um conceito importado das culturas orientais. Gardner, por passar parte de sua vida em contato com essas culturas, principalmente o Shakitismo e Shivaísmo, identificou que a energia Yin

(feminina) nas mulheres são mais evidentes em seu próprio caduceu. Enquanto a energia Yang (masculino) reflete a mesma energia nos homens. Essa polaridade em nada tem a ver com a ideia de gênero apresentado neste artigo. Nesse sentido, percebe-se que a Arte, “descoberta” por Gardner, nunca foi inclusiva e, essa orientação é retomada pelos praticantes de wicca na sua contemporaneidade.

Judith Butler (1990) propõe que o gênero não é uma identidade fixa ou essencial, mas sim o resultado de atos performativos repetidos que produzem a ilusão de uma identidade estável. A performatividade de gênero é regulada por normas sociais, mas também oferece espaços de subversão e resignificação.

No contexto dos *covens* de tradição ligados à BTW, os rituais, celebrações e invocações de divindades gênero-codificadas (como a deusa e o deus) funcionam como performances de gênero. A prática mágica wiccana é, portanto, um campo fértil para observar como o gênero é reiterado ou questionado. A partir da teoria de Butler, é possível analisar os modos pelos quais praticantes wiccanos podem tanto reforçar uma visão binária (Deus/Deusa = masculino/feminino) quanto abrir espaços para identidades não-binárias ou fluidas através de práticas ritualísticas e discursivas.

Como Butler afirma: "O gênero é sempre um fazer, embora nem sempre um fazer consciente ou voluntário" (Butler, 1990, p. 140). Assim, os rituais wiccanos podem ser entendidos como espaços de produção de gênero, cujo significado depende do contexto social e da experiência subjetiva de seus praticantes.

Sabina Magliocco (2010), permite-nos compreender a dimensão cultural e simbólica dos ritos wiccanianos e como eles dialogam com debates de identidade e de gênero, especialmente em espaços digitais. Segundo a visão dessa autora, a wicca seria uma espécie de espiritualidade profundamente enraizada no folclore, mitologia e performance, e que, o produto dessas práticas constrói a identidade de seus praticantes. Magliocco, analisa por meio de uma netnografia como os praticantes adaptam símbolos antigos para criarem narrativas contemporâneas

que dão sentido às suas vidas e corpos, o que inclui, implicitamente, suas identidades de gênero.

Nesse intuito, essa perspectiva é especialmente relevante para pesquisas que utilizam metodologias qualitativas, como a netnografia, pois permite observar como o gênero é performado, negociado e discutido em ambientes digitais. Em fóruns, blogs e redes sociais, praticantes compartilham experiências, simbolismos e rituais que desafiam ou reafirmam normas de gênero.

Magliocco argumenta que os praticantes neopagãos "reinterpretam tradições para refletir valores contemporâneos, incluindo a igualdade de gênero e a inclusão de identidades queer" (Magliocco, 2010, p. 112), o que reforça a importância de compreender esses movimentos como práticas culturais em constante transformação.

Mapeamos, nessa perspectiva, alguns *covens* da chamada wicca tradicional britânica pelas redes sociais e *blogs* na compreensão de delimitarmos melhor os discursos de gêneros colocados pelas tradições de wicca no Brasil. Os recortes de imagens e textos disponíveis nas redes sociais como no "instagram" se encontram abertos para o público da ferramenta de um modo geral, curiosos e até mesmo pesquisadores, não implicando uma necessidade de uma passagem pelo comitê de ética. Pois todo o conteúdo se encontra disponível e de fácil acesso nos perfis dos *covens* listados na Tabela a seguir:

TABELA DE COVENS DA BTW (BRITISH TRADITIONAL WICCAN) NO BRASIL

Coven	Tradição	Cidade ou UF
Coven de Curitiba	Alexandrina	Curitiba, Paraná
Coven de Fortaleza	Alexandrina	Fortaleza, CE
Coven Dama da Noite	Alexandrina	Rio de Janeiro, RJ
Coven Oasis da Noite	Alexandrina	Juazeiro do Norte, CE
Coven Marés da Noite	Alexandrina	Santos, São Paulo
Coven Vale da Noite	Alexandrina	Taubaté, São Paulo
Coven Terra Solem	Alexandrina	São Paulo, São Paulo
Coven Luz do Vale	Alexandrina	Vale do Paraíba, São Paulo
Coven Barra do Piraí	Gardneriana	Barra do Piraí, Rio de Janeiro

Coven Árvore da Vida	Gardneriana	São Paulo, São Paulo
Diânica Nemorensis	Diânica	São Paulo, São Paulo

Fonte: Arquivo pessoal do autor

De acordo com a tabela acima, os *covens* apresentados não são a totalidade geral de *covens* espalhados pelo Brasil, pois existem muito mais que estes apresentados. A delimitação que fizemos na tabela acima se justifica pelas riquíssimas postagens e contribuições que estes citados têm para a nossa análise – motivada pelo método qualitativo etnográfico. Dentre os 11 *covens* listados acima, o da Diânica Nemorensis, não faz parte da chamada wicca tradicional britânica, muito embora o seu fundador tenha vínculo iniciático com essa tradição. Porém, a escolha por este *coven* se dá por ser o primeiro grupo de tradição diânica mista no Brasil.

A ideia aqui não é expor os *covens* e as tradições de wicca, mas estabelecer um diálogo pautado entre pesquisador e fonte bem localizados. A metodologia empregada, através do método netnográfico, é exatamente reconhecer rede sociais dos grupos ênicos como fontes/espacos que permitam a pesquisa séria, pautada na construção de saberes. Neste trabalho não identificamos participantes da pesquisa, apenas as suas páginas em redes sociais.

A wicca, como prática ritualística, pode ser lida por um espaço onde o gênero é encenado e (re) construído. Os rituais, invocações e celebrações das divindades (como o deus e a deusa) atuam de forma performática entre os sacerdotes iniciados pela tradição. Desse modo, de acordo com o livro das sombras (Book of Shadows), atuam como performances de gênero, que tanto podem reforçar a ideia de binariedade quanto permitir subversões.

O Masculino, o Feminino e o Entre: a ontologia wiccaniana.

Em muitas tradições diânicas a transmissão de uma linhagem só pode acontecer através da alta Sacerdotisa. A tradição Diânica Nemorensis quebrou esse paradigma, conferindo a qualquer sacerdote ou sacerdotisa, com apropriado treinamento e conhecimento, o direito e a liberdade suficiente de iniciar outros,

independente do gênero. De acordo com o *blog* dessa tradição “Um dos nossos fundamentos centrais reside na convicção plena de que tudo o que um Sacerdote de um sexo pode fazer espiritualmente, outro de gênero oposto também pode”³.

Como se pôde observar, a tradição não deixa explícito que as iniciações dos aspirantes devem ser feitas sempre pelo sexo oposto, como é o caso da wicca tradicional britânica, porém, há uma similaridade intrínseca que tanto o alto sacerdote quanto a alta sacerdotisa, devidamente preparados, podem iniciar outros bruxos independente do sexo.

Essa tradição imersa no cenário cristão e atraída pela “religião da deusa”, sendo esta deusa complexamente definida associada ao mesmo tempo à terra, ou à natureza, e constantemente posicionada contra o deus-cristão, não é difícil para o praticante neófito simplesmente substituir o gênero da divindade cristã convertendo os seus epítetos simbólicos, como por exemplo, de “deus-pai” para “deusa-mãe”.

Janluis Duarte aponta que: “se a figura da deusa wiccana acabou por se tornar, na concepção popular do Brasil, quase que um contraponto feminino para o deus cristão” (2013, p. 175). A figura do Deus-de-chifres é ainda menos compreendida seguindo essa lógica. Nota-se, nos textos wiccanos publicados pelos perfis dos *covens* de natureza tradicional, uma tentativa de conceituar ou até mesmo “explicar” o deus wiccanano. Cada *coven*, de modo muito particular, traz várias tentativas de “explicações” que soam muitas vezes confusas e contraditórias. “O Deus Cornífero é o Deus fálico da fertilidade. [...] Ele nasce da Deusa, como seu complemento e carrega os atributos da fertilidade, alegria, coragem e otimismo” (citado em Duarte, 2013, p.176).

É necessário deixar claro que a visão do deus para a wicca em nada se parece com o deus patriarcal expresso pelas religiões judaico-cristãs. O deus da wicca é vivo, forte, sexual, ligado aos animais, não sendo em nada semelhante ao

³ Texto introdutório do website da Tradição, disponível em <http://www.nemorensis.com.br>, acessado em 23/06/2025.

assexuado e transcendental deus monoteísta. Ele representa tudo o que é bom e prazeroso como a vida, o amor, a luz, o sexo, a fertilização. Com a chegada do cristianismo na Europa com todo o seu conjunto de pecados, proibições e tabus sexuais, o deus cornífero foi transformado na figura do demônio e o mal pelos primeiros cristãos. Até então o diabo jamais tinha sido representado com chifres na cabeça e isso só aconteceu para denegrir a imagem do deus dos bruxos. O deus cornífero orna chifres em sua cabeça não por ser o diabo, pois bruxos nem nele acreditam, mas por causa da sua ligação com os animais e a caça. Ele não é de nenhuma forma o demônio e muito menos é o deus cristão. Ele é, sim, o deus pagão da natureza e da vida.

Contudo, levando em consideração os escritos originais de Gardner, a impressão que temos é que não existe uma predominância de uma divindade feminina, mas uma valorização igualitária dos aspectos feminino e masculino da divindade. No entanto, a bibliografia anterior a Gardner, de que a bruxaria, na verdade, era um culto lunar; a ideia de sacerdotisas oficiando o culto que foram perseguidas como “bruxas”, presente em Murray (2003); os rituais das bruxas descendentes de Aradia e Diana, descritos por Leland (Stern, 2021); os cultos de fertilidade centrados na Grande-mãe, defendidos por Frezer (2024). Elaboraram o destaque ao feminino que acabava por transformar um duoteísmo⁴, onde a figura da deusa era primordial, ao passo que a figura do deus consorte, ou a criança da promessa, era, talvez, acessória.

Isto acabou por justificar, sem demasia, a demarcação do que seria a tradição diânica nos Estados Unidos, durante o contexto de contracultura, a ideia de um “matriarcado primitivo” por traz, excluindo, quase que de maneira efetiva, a presença masculina. Robert Graves (2003, p.12) na obra *A Deusa Branca*, estabelece esse perfil de uma deusa-primordial “a referida linguagem foi adulterada na tardia era minóica, quando invasores da Ásia Central começaram

⁴ “Na wicca, há um dualismo na religião, ou seja, existem duas figuras divinas basicamente. Entretanto, por ser uma religião de crença livre (sem dogmas fixos), muitos bruxos cultuam e evocam diversos deuses e deusas” (Lua Cristalina, *blog Wicca e Bruxaria*, 2017).

a substituir as instituições matrilineares pelas patrilineares e a remodelar ou a refutar os mitos a fim de justificar as modificações sociais”.

A imagem feminina também nos lembra que aquilo que se chama pelo discurso êmico de sagrado é imanente ao mundo, incorporando (através do corpo, através dos sentidos, através do contato real com coisas e através de metáforas que são baseadas no corpo). Portanto, toda a matéria é sagrada. Aquilo que as tradições de wicca valorizam é o cerne nutrido, mantido, reproduzido e regenerado.

No Brasil, essa ontologia foi responsável por disseminar a ideia de uma “religião da deusa” no início dos anos dois mil, através da obra “Wicca a Religião da Deusa” de autoria do sacerdote wiccaniano Claudiney Pietro (2000). De acordo com este autor, mulheres que lutavam pelos direitos de igualdade entre os gêneros encontraram nessa religião um porto seguro para se sentirem acolhidas, vivas e ativas. A wicca surgida nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, trouxe uma nova identidade mais focada na figura da deusa. O movimento que foi chamado de “Espiritualidade Feminina”. Onde o deus é menos visível e a deusa com maior supremacia e preponderância.

Budapest e suas companheiras de *coven*, por outro lado, estavam realizando uma fertilização cruzada entre a bruxaria moderna e a política feminista. Budapest misturou elementos da wicca gardneriana (especialmente os símbolos, os rituais e a ênfase dada à magia) com as causas e os interesses do feminismo radical e da política radical em geral. A “Espiritualidade Feminina” emergiu dessa fusão como uma forma de separatismo religioso (não era permitida a participação de homens), com uma divindade feminina autônoma (A Deusa), “cujas devotas se haviam oposto ao patriarcado, ao militarismo e à destruição ecológica” (Russell; Alexander, 2019, p.221).

Até este ponto, é possível delinear os que tanto a wicca tradicional britânica, proposta por Gerald Gardner, quanto a wicca surgida nos Estados Unidos por Suzana Budapest, chamada de wicca diânica, não se preocupavam

em estabelecer ontologias para o público LGBTQIA+. Cada fundador, de acordo com o seu contexto, preocupações e interesses, estavam mais direcionados em perpetuar o que eles consideravam como normativo para suas práticas e símbolos religiosos. Embora a igualdade entre homens e mulheres cisgênero seja reforçada em ambas as tradições, essa complementariedade não é sentida pelos praticantes de wicca na contemporaneidade de acordo com o que analisamos nas postagens.

Claudiney Pietro, representante de várias tradições no Brasil, informa que:

Gays quando trabalham magia podem não usar a estrutura das polaridades para gerar energia, mas indiscutivelmente podem se valer da sinergia para isso. Assim, sua forma de fazer magia é tão efetiva quanto qualquer outra que use os pares de opostos. Assim, dizer que gays não podem praticar a Arte porque não podem criar energia para ser canalizada para um objetivo específico porque não se relacionam sexualmente com pessoas do sexo oposto é um ato de ignorância extrema. Temos que pensar além do gênero para ampliar nossa visão sobre o tema. Masculino e feminino é apenas uma entre as muitas formas de polaridades [...] (Pietro, 2009, p.237).

A visão desse autor reflete uma cisma com os dois padrões de wicca que discutimos nos parágrafos anteriores. Para Claudiney, a prática de bruxaria, ou melhor, de wicca, não é restrita apenas a grupos tradicionais como a BTW e a DT (Dianic Tradition). Mas ela pode ser realizada por qualquer bruxo(a) que se familiarizar com os mistérios da Arte. Essa visão, embora seja considerada nova, ainda é omissa na maior parte dos grupos de wicca tradicional no Brasil. A não-binariedade ainda é um *tabu*, para esses grupos. Pois, antes das iniciações formais, o neófito precisa se autodeclarar como hétero, gay cis ou bissexual demarcando a sua identidade.

Conforme atesta Silva (2022, p.49), “Hoje, essa cosmovisão vem sendo alvo de críticas e reanálises baseadas nas agendas, sobretudo LGBTQIA+, que questionam o local e o papel de relacionamentos homoafetivos dentro dessa cosmologia sagrada”. Esse movimento acontece muito transversalmente ao movimento formal da wicca. Os grupos pesquisados listados na Tabela anterior,

não mencionam o papel de pessoas trans, por exemplo, em seus *posts*. Esse silenciamento é observado mais na literatura de Claudiney Pietro do que realmente é discutido pelas redes sociais ou em fóruns ligados à grupos da BTW.

Partindo desse pressuposto, o praticante está para além de ser masculino ou feminino, e vive e atua fora do círculo com suas personalidades. Após traçado o círculo mágico, seus papéis performáticos agora estão alinhados aos rituais que desempenharão de acordo com a liturgia elaborada pelo livro das sombras, não podendo ser refutada ou alterada pelo *coven*. Desta forma, masculino ou feminino não estão diretamente ligados a um padrão ou outro de energia. Encontramos deuses lunares e deusas solares, deusas da guerra e deuses da paz. A oposição energética não está no gênero, mas no padrão e/ou comportamento que cada indivíduo assume ao lidar com uma energia ou outra.

Claudiney Pietro, ainda traz questionamentos importantes para o nosso estudo que são considerados, ao mesmo tempo, cruciais:

1. Se gays são excluídos de alguns grupos por não gerarem vida através de suas relações sexuais, assim também deveriam ser os heterossexuais que são incapazes de gerar vida por problemas fisiológicos?
2. Um gay fértil que não se une sexualmente com o sexo oposto deve ser aceito em grupo porque não é infértil, enquanto o heterossexual com problemas fisiológicos deve ser excluído por sua infertilidade? (Pietro, 2009, p.238).

A questão aqui é a da fecundidade. Se a wicca é uma religião de cultos de fertilidade, então, um hétero tenha problemas fisiológicos de fertilidade não poderia ser iniciado tanto quanto uma pessoa que se relaciona com o mesmo sexo. No “canon” das práticas da wicca tradicional, isso acarretaria um problema a ser solucionado. No entanto, o que percebemos entre os grupos pesquisados é que tem uma maior influência de pessoas de gênero fluído como gays e bissexuais. Mais uma vez, do ponto de vista da prática êmica, isto não seria um problema. Porém, do ponto de vista das ontologias, isto não é encorajado. Pois, dentro do círculo mágico é necessário a manifestação de energia de gêneros opostos para desempenhar os trabalhos mágicos.

Claudiney Pietro se embasa na autora norte-americana Starhawk, em sua obra *The Spiral Dance*⁵ (1979), que propõe uma religião centrada no corpo, na terra, na ciclicidade e na cooperação, em oposição ao patriarcado e à hierarquia espiritual tradicional. A deusa, para Starhawk, é uma representação simbólica da autonomia feminina e da interconexão entre todos os seres. Ou seja, do ponto de vista de gênero, a proposta de Starhawk rompe com o modelo hierárquico masculino e convida à celebração do feminino como fonte de poder e sabedoria espiritual. Embora sua abordagem seja centrada na experiência feminina, ela também reconhece a pluralidade de expressões de gênero e sexualidade. Em suas palavras: "a Deusa é toda forma de vida... todas as possibilidades, todos os caminhos" (1993, p. 28), o que abre espaço para leituras mais inclusivas. A autora continua:

‘Visto que as mulheres dão luz aos homens...’ não tenho mais tanta certeza de que há um ‘lado feminino’ na natureza do homem ou um ‘lado masculino’ na natureza da mulher. Atualmente acho mais proveitoso considerar toda a gama de possibilidades humanas – agressividade, ternura, compaixão, crueldade, criatividade, passividade etc. como acessíveis a todos nós, sem divisões de gênero, tanto internos quanto externos. (Starhawk, 1993, p.191)

Mesmo a autora reconhecendo que os papéis de gênero podem ser relativos dentro da sua tradição e que existem várias camadas de possibilidades, ela ainda não pontua o público LGBTQIA+. Neste esforço, em um tempo em que políticas de gêneros e política sexual são calorosamente debatidas, não podemos aceitar, a determinação de certos papéis ou aspectos do cosmo como apenas “masculino” ou “feminino”. Na verdade, quase todas as imagens de poder têm sido vistas como femininos em algumas culturas e masculinos em outras. Portanto, a ideia de poder pode variar no tempo e espaço, logo, como uma construção social.

⁵ *A Dança Cósmica das Feiticeiras*. Traduzida e publicada no Brasil em 1993.

Entre deuses e corpos: performance de gênero na wicca contemporânea

Martha Robles é ainda mais radical em relação à questão de gênero na bruxaria. A autora afirma que, na Antiguidade, era comum a existência de três sexos, e não apenas dois: “Em primeiro lugar, existiam três sexos, e não dois. O andrógino, ainda que participasse das características do masculino e do feminino” (Robles, 2006, p. 8), era um gênero independente, tanto em forma quanto em nome — príncipe de ambos os sexos, masculino e feminino —, e não um ser submetido ao desprezo e à infâmia, como viria a ser considerado posteriormente.

Como destacado anteriormente, Judith Butler (1990), em sua obra seminal “Gender Trouble”⁶, propõe que o gênero não é uma identidade fixa ou essencial, mas sim o resultado de atos performativos repetidos que produzem a ilusão de uma identidade estável. A performatividade de gênero é regulada por normas sociais, mas também oferece espaços de subversão e resignificação. E esta é a nossa chave de leitura, para compreender esses papéis dentro dos núcleos da wicca tradicional.

Quando falamos do deus e da deusa, temos a tendência de percebê-los como modelos de papéis cósmicos, pois seus papéis enquanto divindades revelam o que é ser homem e mulher. Os papéis culturais tradicionais mostram-se impraticáveis e incômodos, e a tarefa de desenvolver novos papéis, do ponto de vista dessa cosmologia, é apavorante. “Aqui, a noção de Wicca como uma prática religiosa vem se cristalizando por estar relacionada à ideia da necessidade de lutar contra o preconceito, na busca por uma liberdade ‘religiosa’” (Cordovil, 2017, p. 87).

A wicca é uma compilação de rituais de várias naturezas e épocas. Talvez, o ritual mais polêmico dentro dos grupos de wicca atualmente seria o sexo-ritual,

⁶ “Problemas de Gênero” – Tradução minha.

mais conhecido pelo vocabulário êmico como o *Grande Rito*. Janluis Duarte nos afirma através de seu estudo que :

Nenhum tipo de rito sexual, ou de magia sexual, está associado à prática da wicca “popular” no Brasil, no âmbito dos covens ou grupos de estudo. No entanto, se estreitarmos esse âmbito para o dos praticantes individuais, é possível perceber que, se não existe o sexo ritual, existe uma ritualização do sexo e do corpo, expressa em textos como o que citamos. (Duarte, 2013, p.191).

Mesmo não podendo apontar com segurança a prática da magia sexual como componente indispensável para o Grande Rito, este pode ser realizado dentro dos círculos de forma tradicional ou simbólica. Obviamente, caso o ritual seja praticado pelos grupos da wicca tradicional britânica de forma “real”, estes só poderiam ser executados por meio de um casal heteronormativo performando a sacralidade do casamento entre o deus e a deusa. Nenhum dos grupos pesquisados pelos perfis dos *covens* disponíveis por suas respectivas redes sociais, deixam claro se realizam tais práticas, essa omissão é compreensível pelo fator iniciático, e cada *coven* interpreta e executa esse ritual de forma muito particular.

Para os demais grupos, essa sacralização é feita através do encontro entre o cálice (representando o órgão feminino) o ventre da deusa-mãe, e o athame⁷ (representando o falo masculino), inserido dentro do cálice contendo vinho. Esse ritual, conhecido como Grande Rito simbólico, é desempenhado respectivamente pela sacerdotisa e o sacerdote, ambos munidos dos objetos sagrados aos quais representam as divindades. Essa ritualização se expressa pela valorização da sexualidade atribuída à religião, em contraste com as muitas restrições sobre o corpo e o sexo atribuídas ao cristianismo.

De acordo com Janet & Stewart Farrar (1999, p.46), dizer que o Grande Rito é um “ritual de polaridade masculino/feminina é correto, mas soa um tanto

⁷ Instrumento usado nos rituais, tradicionalmente uma faca ou punhal de cabo preto de madeira com dois gumes em aço, simbolizando, nesta ocasião, o falo do deus das bruxas.

friamente técnico. Dizer que é um rito sexual é também correto, mas soa (para o desinformado) como uma orgia". Assim, tentemos colocá-lo de modo equilibrado e na devida proporção.

Esse ritual pode ser compreendido de duas maneiras. Em muitos casos, e assim ocorre na maioria dos grupos, é realizado de forma simbólica, com todos os membros presentes durante toda a cerimônia. No entanto, também pode ocorrer de maneira literal, envolvendo uma união sexual. Nessa segunda forma, todos os integrantes do grupo, com exceção do casal participante, deixam o círculo e o local antes que o momento se torne íntimo, e só retornam quando forem chamados novamente.

A razão em que o Grande Rito é realizado sem testemunhas não é uma questão de pudor, mas por questões de privacidade. Normativamente, "o Grande Rito sobre a forma real dever ser realizado por parceiros casados ou por amantes que detenham uma união ou uma unidade semelhante ao casamento" (Farrar, 1999, p.47). A insistência por um casal hetero cis, na condução do rito literal, é justificado pelos representantes da tradição Alexandrina como expressões dos aspectos do deus e da deusa na sua completude, "como é acima, é abaixo". Algo como sendo contrário a isso, desencadearia desequilíbrios e perturbações para o *coven*.

Para os grupos analisados nos perfis que tivemos acesso, o ritual do Grande Rito, é uma força criadora sutil da qual dela brota não a energia feminina, mas a masculina da polaridade. Shiva, na forma de Pashunati é Cernenunnos. Ambos os nomes significam senhor dos animais. Explico: a magia sexual da wicca no terceiro grau, o Grande Rito, nada mais é que uma versão ocidentalizada do rito Hindu chamado Maithuna, que existe nas tradições Tantrikas do Oriente, que é a união sagrada de Shakti com Shiva. Quando se fundem, formam aquilo que chamamos de deus, a criança da promessa. E isto, é o princípio da fertilidade. Fertilidade, neste conceito, significa propagar, prosperar, enviar para frente, procriar, gerar descendentes, ou seja, abundância.

Seja ele simbólico ou literal, fica a critério de cada *coven* estabelecer a forma de condução deste ritual. Em casos em que a maioria das pessoas sejam de orientação homossexual, a prevalência é do Grande Rito simbólico, entretanto, essa prática em nada altera os objetivos mágicos alcançados durante o ritual. A única regra que não pode ser quebrada é que, necessariamente, o ritual precisa ser desempenhado por bruxos de sexo opostos, reafirmando essa polaridade. “Talvez, uma boa maneira de expressá-lo seria dizer que o Grande Rito ‘real’ é magia sexual, enquanto o Grande Rito simbólico é magia de gênero” (Farrar, 1999, p.48). Mesmo com esta suposta diferenciação de papéis dentro da wicca tradicional britânica, ainda assim, os papéis são desempenhados por um homem e uma mulher (binaridade oposta) e em hipótese alguma por dois homens ou duas mulheres. Mostrando a consistência, pelo menos dentro do círculo mágico, a perpetuação de gênero proposto por Gerald Gardner em seu livro das sombras.

Pelo que podemos observar nos grupos listados neste estudo através de uma netnografia, exceto na tradição Diânica Nemorensis, essa condução é seguida à risca. Nos Sabás, cultos dedicados à magia e a deusa lunar, o Grande Rito é realizado pelos Altos sacerdotes do *coven* justamente pela ocasião ser especial. De forma que, durante esse ritual em específico, os dirigentes do *coven* assumam esse papel-chave para si em nome do restante. Contudo, se o rito se encaminhar para o “real”, será desempenhado pelo casal presente.

Existem grupos mais progressistas que reconhecem que cada ser humano possui as duas polaridades dentro de si e que cabe a cada um acessar sua quinta essência para realizar a magia através da transmutabilidade. Nesse caso, o Grande Rito não precisa de parceiros, pois segundo esses grupos de wiccanianos, cada bruxo (a) possui as duas polaridades a serem acessadas. Portanto, polaridade em nada tem a ver com a ideia de gênero. Diferentemente dos tradicionalistas que concebem corpos humanos de gênero cruzado para unir polaridades porque naturalmente só se cria através do sexo entre homem e mulher.

De qualquer forma, as polaridades cruzadas e os gêneros estão presentes nos dois casos. O que difere de um ao outro é exatamente o uso da magia, ou o acesso dela. Onde nas tradições ligadas à BTW, indiscutivelmente se usa os gêneros cruzados e na outra, pelos menos entre os grupos diânicos ou ecléticos (solitários) essa polaridade é acessada de forma individual. Essa ideia de “cruzar os gêneros” tem a ver com a própria gramática da Arte e, é esse conceito que faz com que a bruxaria se torne tradicional. Sem ela, com a ausência desse conceito, a bruxaria seria apenas uma bruxaria comum (não tradicional). Então, quando perguntamos por que os rituais de wicca tradicional, inclusive o ritual performático do Grande Rito, é feito por pessoas de sexo oposto, estamos nos referindo a este conceito. Por isso, ele é tão difícil de ser refutado. Logo, reforçando a ideia de binariedade.

Nas últimas décadas tem-se observado o surgimento de diversas expressões espirituais alternativas, especialmente nos Estados Unidos, Europa e Américas, nas quais pessoas LGBTQIA+ têm buscado criar caminhos espirituais que contemplem suas vivências identitárias e afetivas. Entre essas experiências, destaca-se a formação de grupos pagãos que reinterpretam os mistérios antigos a partir de uma perspectiva homoerótica como a tradição *Brotherwood*. Essas comunidades têm resgatado simbolismos e cultos associados a divindades ligadas ao êxtase, à sexualidade e à liberdade corporal, como Dionísio, Príapo, Pan, Eros, Ganimedes e Antínoo, propondo novas leituras para antigos mitos sob a ótica de corpos dissidentes.

O que se observa nesses contextos é uma resposta direta às limitações impostas por certas vertentes do paganismo contemporâneo, que por vezes reproduzem estruturas heteronormativas, excludentes e patriarcais. A sacralização do masculino, frequentemente representada pela figura do Deus Cornífero, é reiteradamente apresentada como arquétipo de uma virilidade centrada na heterossexualidade compulsória. Para muitos homens gays, isso

produz um sentimento de deslocamento dentro de tradições espirituais que, teoricamente, se propõem inclusivas e libertárias.

Diante dessa tensão, práticas espirituais solitárias emergem como forma de resistência e reconstrução simbólica. A proposta é criar espaços rituais e devocionais que reconheçam e validem o homoerotismo como parte legítima do sagrado. Essa reconexão espiritual não apenas permite a reelaboração de símbolos e arquétipos, como também oferece um espaço de cura coletiva e pessoal diante das feridas provocadas por séculos de marginalização religiosa e social.

A articulação entre espiritualidade e identidade de gênero e sexualidade tem ganhado força também a partir da influência dos movimentos feministas dentro do paganismo, os quais já vinham propondo uma ruptura com as formas patriarcais de religiosidade. O fortalecimento dessas correntes feministas favoreceu o florescimento de grupos centrados em práticas espirituais que rejeitam a binariedade de gênero e a normatividade sexual, possibilitando a construção de um sagrado que abrace a diversidade humana em sua totalidade de forma gradativa.

Considerações Finais

As diferentes tradições omitem ou pelo menos tentam amenizar a questão da não-binariedade. Assim, a espiritualidade dentro do paganismo não é apenas uma alternativa para sujeitos dissidentes; é uma proposta radical de reimaginar o sagrado a partir da pluralidade humana, uma reconfiguração do divino que contempla não apenas a diferença, mas também a potência criativa das identidades historicamente marginalizadas.

Para a ciência da religião, esse debate anda longe de um ponto de confluência em seu encerramento. Foi observado entre os diferentes grupos, alguns se posicionam favoravelmente a um esforço de releitura da cosmovisão wiccana, como é o caso da Tradição Diânica Nemorensis, outras se apegam à

visão tradicionalista. Essa tentativa de descrever o papel de gênero neste artigo, muito tem a ver com a própria discussão sobre gênero e religião tão necessária atualmente.

Por fim, essa reflexão é importante para o cientista da religião, pois, permite analisar como as formas de religiosidades alternativas são sentidas através de seus *insiders* e, com isso, contribuir para uma compreensão dos papéis de gêneros dentro dessa categoria. Logo, seria impossível levantarmos qualquer dado empírico, sem antes confrontar os discursos presentes através de textos e símbolos presentes nas redes sociais de seus respectivos autores.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith P. A Politics of the performative. In: *Political Theory*, v.27, n. 4. New York: Routledge, 1997.

CORDOVIL, Daniela. Sexualidade, Espiritualidade e Conjugalidades na Wicca brasileira. Dossiê Religião e Sexo. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v.37, n.1, 2017, p.85-103.

CROWLEY, Aleister. *Os Livros Sagrados de Thelema*. São Paulo: Madras, 1998.

DUARTE, Janluis. *Reinventando Tradições: representações e identidade da bruxaria neopagã no Brasil*. Brasília, 2013. 239f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História- Instituto de Ciências Humanas: Universidade de Brasília.

FARRAR, Janet; FARRAR, Stewart. *Oito Sabás para as bruxas*. São Paulo: Anúbis LTDA, 1999.

FRAZER, James G. *O ramo de ouro: um estudo da religião comparada*. Vol.1 (Tradução). São Paulo: Andalus Publications, 2024.

GARDNER, Gerald B. *A bruxaria hoje*. São Paulo: Madras, 2003.

GRAVES, Robert. *A Deusa Branca*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p.12-14

GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.

- MAGLIOCCO, Sabina. *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in América*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010.
- MURRAY, Margaret A. *O culto das bruxas na Europa ocidental*. São Paulo: Madras, 2003
- PRIETO, Claudiney. *Wicca – a religião da Deusa*. São Paulo: Gaia, 2000.
- PIETRO, Claudiney. *Wicca para todos*. São Paulo: Alfabeto, 2009.
- ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução William Lagos; Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.
- RUSSELL, Jeffrey B; ALEXANDER, Books. *História da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagãos*. 2ª edição. Tradução: Álvaro Cabral e William Logos. São Paulo: Goia, 2019.
- SANTOS, Maria R. S. A Religião da Deusa: espiritualidade e saberes da tradição das famílias neopagãs na Terra Brasilis. Dossiê Religiões Afro-indígenas: História e Ritual no Plural. In: *Observatório da Religião*. Belém, PA. v.3, n.1, 2016, p.35-36
- SILVA, Dartagnan Abdias. *O caldeirão da bruxa: a magia e o sincretismo religioso na Wicca*. Juiz de Fora, MG, 2022. 154f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PPCIR: Universidade Federal de Juiz de Fora.
- STARHAWK. *A dança cósmica das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- STERN, Fábio L. Arádia: a criação de uma messias das bruxas na obra “o evangelho das bruxas” de Charles G. Leland. *Revista Rever*. São Paulo, v.21, n. 2, 2021, p.63-75.
- Website. *Tradição Diânica Nemorensis*. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.nemorensis.com.br/> acessado em 20/06/2025.
- Website. CRISTALINA, Lua. Deuses e deusas da wicca. *Blog Wicca e Bruxaria*, Disponível em: https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/item/deuses-e-deusas-da-wicca/QK8z_BXNuYIJ5memRXlZKa32MlbgQVQMbe7 acesso 27/06/2025